

DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: DISCURSIVIDADES EM RELATOS DE DOCENTES

Elissandra Maria Conceição de Brito; Marluce Pereira da Silva; Laurênia Souto Sales

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) elissbrito@hotmail.com; marlucepereira@uol.com.br;
laureniasouto@gmail.com

RESUMO

No Brasil, as questões relacionadas à orientação sexual foram materializadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, na forma de tema transversal a ser desenvolvido por todas as disciplinas e em atividades pedagógicas da escola. As discriminações de gênero e por orientação sexual, como também as práticas homofóbicas, se (re)produzem em cenários da vida social brasileira e, infelizmente, a escola, constitui um deles. Nesse trabalho, apresentamos resultados de uma pesquisa proposta que teve como objetivo perscrutar o posicionamento discursivo de professores(as) de escolas públicas do município de Itapororoca-PB, Estado da Paraíba, mediante episódios que evidenciam a necessidade de adotar posturas políticas voltadas para o Educar na Diversidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com procedimentos etnográficos, subsidiada à luz da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006) e da Análise do discurso francesa (ORLANDI, 2003), e em teorizações foucaultianas (1988) e teorizações sociais (LOURO, 1997; BAUMAN, 2000). As materialidades linguísticas geradas por meio dos questionários e e rodas de conversa, procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, foram analisadas a partir das categorias teóricas da Análise de Discurso, tais como memória discursiva, interdiscurso, formação discursiva e de pressupostos da produção de conhecimentos voltada para o estudo da linguagem. As análises das narrativas dos(as) professores(as) participantes da investigação demonstraram a necessidade de ações que possibilitem o con(viver) com a pluralidade cultural, em especial com as temáticas relacionadas à diversidade sexual na escola. Para os(as) professores(as), dentre as dificuldades em lidar com essas questões no cotidiano da escola, encontram-se: falta de um conhecimento mais aprofundado sobre a temática, os conflitos de percepção e a escassez de tempo para um diálogo mais efetivo com o aluno

Palavras-chave: Diversidade. Sexualidade. Discursividades.

1 INTRODUÇÃO

As discriminações de gênero, étnico-racial e por orientação sexual, como também as práticas homofóbicas, se (re)produzem em cenários da vida social brasileira e, infelizmente, a escola, constitui um deles. As ações de combate aos preconceitos não parecem alcançar resultados promissores, o que leva a entender que, além das leis, é necessário que se promovam discussões em torno dessas temáticas como forma de suscitar a reflexão individual e coletiva que favoreça ações de enfrentamento e eliminação de qualquer tratamento preconceituoso.

Nas últimas décadas, o governo brasileiro tem lançado mão de algumas estratégias de enfrentamento das formas de discriminação, sobretudo pela educação. A adoção de tais medidas ocasionou, a partir de 2004, a articulação de entidades governamentais, tais como a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), Ministério da Educação e Cultura (MEC) e Secretaria de Políticas Públicas de Promoção de Igualdade Racial (SEPPIR), o que favoreceu a instauração de políticas de formação de profissionais, sobretudo em educação buscando implementar a igualdade de gênero, étnico-racial e o respeito à orientação sexual.

Educar na diversidade constitui para todos nós um grande desafio, principalmente em se tratando de práticas discriminatórias a partir de ações e repertórios linguísticos cujos sentidos podem afetar e causar sofrimento à medida que reforçam estereótipos. O nosso desafio, particular e global, é pensar os mecanismos para o Educar na Diversidade, promovendo a cidadania, a igualdade de direitos e o respeito à diversidade sociocultural, étnico-racial, etária e geracional, de gênero e orientação afetivo-sexual

A pesquisa realizada tem como objetivo perscrutar o posicionamento discursivo de professores(as) de escolas públicas do município de Itapororoca-PB, Estado da Paraíba, mediante episódios que evidenciam a necessidade de adotar posturas políticas voltadas para o Educar na Diversidade. O nosso encontro com o objeto de pesquisa aconteceu a partir da busca de compreender os dados que apontam o Brasil como um país em que o preconceito tem levado à morte muitas pessoas, dada a discriminação por cor, gênero e orientação sexual. Decidimos, portanto, propor às escolas situadas no Município de Itapororoca-PB, um questionário sobre pluralidade cultural, para verificar o comportamento discursivos dos professores, frente as questões que envolvem diversidade étnico-racial, performances de gênero e de orientação sexual no cotidiano escolar.

Partindo da compreensão de que o professor/a tem seu discurso garantido pela escola, a ele cabe levantar discussões, promover debates para estimular no educando o senso crítico, pois o professor é o principal elo entre a instituição e o educando. É dele também o poder de formar opinião, de mediar conflitos, de promover esperanças. A ele cabe escolher entre reproduzir discursos e posturas de exclusão ou proporcionar formas de inclusão, promovendo o preparo para o exercício da cidadania, defendendo os direitos humanos, a dignidade, principalmente dos grupos socialmente vulneráveis e marginalizados.

Hoje, propagam-se incessantemente discursos de que a escola, enquanto espaço democrático deverá promover reflexões sobre in/exclusão e diversidade. Considerando que esses papéis são fortemente atribuídos ao/a docente, inerente a sua condição de educador, de mediador de conhecimentos, indagamos, de forma mais geral, de que modo a diversidade cultural (notadamente a questões étnico-racial, performances de gênero e de orientação sexual) é compreendida e trabalhada em diferentes situações de ensino aprendizagem.

Pelo exposto, ficou evidenciado que o desafio da pesquisa foi promover uma abordagem histórico-crítica e discursiva que retrate as dificuldades enfrentadas pela escola para a abordagem das questões que envolvem sexualidade/gênero, num país marcado por ideologias etnocêntricas e hegemônicas. O propósito é trazer ao debate acadêmico discussões concernentes às “minorias”, à diversidade cultural, cujo eixo fundador baseia-se na garantia dos direitos fundamentais e na dignidade humana, condições essenciais para o enfrentamento das desigualdades, voltamo-nos para problematizar e refletir sobre as mudanças e as implicações para a vida social contemporânea.

2 METODOLOGIA

No processo de desenvolvimento da pesquisa, orientada para a compreensão de como os(as) professores(as) se posicionam discursivamente mediante episódios que evidenciam a necessidade de adotar posturas políticas voltadas para a diversidade étnico-racial, performances de gênero e de orientação sexual no cotidiano escolar e para uma concepção que não dicotomiza mais teoria e prática, é necessário alargar o conceito de teoria e de metodologia para um conjunto maior de perspectivas que permita direcionar nossa investigação e ampliar nosso conhecimento acerca da questão formulada.

A pesquisa utilizou ferramentas conceituais dos Estudos Culturais, de teorizações foucaultianas e da Análise do Discurso francesa. Para tanto, consideramos relevantes as



contribuições de pensadores como Bauman (2000, 2004), Foucault (1984, 1985, 1988, 1995), Orlandi (2003, 2004), Louro (1999), Moita Lopes (1994, 2006).

A partir da compreensão de que o caminho investigativo implica questões práticas e descrição de discursos que se constituem no contexto social, essa pesquisa se caracterizou pela recusa da existência de uma neutralidade dos pesquisadores, na verdade, nos posicionar diante da forma como problemas sociais que afetam o cenário escolar, em alguns casos, são normalmente, relegados a um segundo plano.

Definimos que também consistiria tarefa da investigação propiciar a visibilidade das posturas políticas desses(as) educadores(as) por meio da análise do que dizem, como dizem e por que dizem, na tentativa de produzir uma análise conceitual e não factual do discurso (FOUCAULT, 1999). Para isso, cruzaremos a análise discursiva dos questionários e da roda de conversa realizadas junto aos(às) profissionais que evidenciem as temáticas delineadas para o processo investigativo.

Como nosso interesse está em saber o que dizem os(as) docentes a respeito da diversidade cultural e também como dizem e reconhecem a urgência de tais temas para a concretização da cidadania, compreensão e interpretação da realidade e desenvolvimento de um trabalho que invista na superação da discriminação e imposição de valores e verdades, é imperativo a escuta discursiva (FOUCAULT, 2004) das histórias narradas por esses(as) colaboradores, para delas apreender a produção de sentidos.

Na contemporaneidade, a agenda da Linguística Aplicada está voltada para as mudanças de natureza econômica, tecnológica e política e, se quisermos adentrar no campo da linguagem e das práticas sociais, é necessário ver a Linguística Aplicada em suas conexões com diferentes disciplinas pertencentes tanto à área dos estudos da linguagem, quanto da Psicologia, Sociologia, Antropologia etc. (MOITA LOPES, 2004, 2006). Dada a sua natureza híbrida, parece categórico que a Linguística Aplicada seja responsiva à vida social, com investigações em áreas concernentes aos estudos de gênero, étnico-raciais entre outros. Nessa abordagem, o fazer Linguística Aplicada implica que o pesquisador se considere participante da pesquisa assim como professores(as). Por isso, a metodologia está ancorada em uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico que envolve registros coletados junto aos(às) educadores(as) provenientes de questionários e roda de conversa.

Definido o tipo de pesquisa, verificamos a técnica de coleta de dados e os instrumentos de pesquisa que nos permitissem um levantamento de dados com maior precisão, otimizando o tempo. Para tanto, o instrumento de pesquisa escolhido para gerar os dados da pesquisa foram as rodas de conversa realizadas entre pesquisadores e docentes, espaços que se constituirão como verdadeira





geografia da verdade (FOUCAULT, 1999). A escolha dessa técnica deve-se ao fato de que as rodas de conversa proporcionam um ambiente de espontaneidade, necessário, para a investigação que supõe uma rede de sentidos que se instauram com naturalidade nesse contexto. Assim, visando a uma discussão profícua, conduzimos os debates a partir das proposições a seguir relacionados: (a) Apresentação da temática, a partir de pontos divergentes; (b) Relevância do tema para o convívio familiar, escolar e social; (c) Relatos de casos e evidências presenciadas no âmbito escolar; (d) Exercício da docência e seu alcance social; e (e) Sugestões e possibilidades de enfrentamento dos preconceitos e discriminações na escola.

Nessa esteira investigativa, procuramos articular o linguístico com o social, o cultural e o histórico de modo que essas dimensões permitam ancorar nossas análises em relação à produção de efeitos de sentidos que traduzam aspectos reveladores das performances de gênero ou de orientação sexual, sob a ótica dos(as) docentes pesquisados e seus posicionamentos discursivos face aos procedimentos etnográficos utilizados na investigação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As barreiras criadas pela sociedade quanto à expressão de identidades criam dificuldades, desigualdades e discriminações. Até recentemente, essa realidade parecia existir somente fora dos muros da escola. O espaço escolar é ambiente de convivência das diferenças, de afirmação das identidades. A escola, sobre esse prisma, torna-se importante aliada a construção de uma visão mais democrática e respeitosa quanto a vida sexual e afetiva dos seus alunos.

Atentar para a não opacidade das palavras e dos discursos é estar atento a não naturalização das mais diversas relações sociais que produzem desigualdades, que tem levado a (in)tolerâncias, tais como práticas discriminatórias que poderão ter consequências como a evasão escolar, o baixo desempenho em sala de aula, entre outros resultados que carecem de urgentes reflexões e mudanças, sobretudo para o conviver com a pluralidade cultural.

Dessa forma, é por meio da linguagem que se tem acesso à ação discursiva, é por meio da linguagem que temos acesso à interpretação, à forma de expressão que conduzem a diversas construções sociais. É nesse campo constituído pela linguagem que adentram nossas observações. Vêm mostrando, de forma geral, que as questões referentes a sexualidade, gênero e raça estão presentes no espaço escolar, contudo, o assunto ainda é considerado tabu para alguns docentes, e que o silêncio é a forma de manter invisível a situação. De forma específica, evidenciam que o tema



sexualidade requer ações pedagógicas contínuas, que contrariem aquelas práticas que reincidem em modelos tradicionais de orientação sexual. As discursividades traduzem sentidos que apontam identidades transitórias que constituem os sujeitos.

Para efeito de análise, consideramos duas categorias discursivas para melhor elucidar o detalhamento dos efeitos de sentidos gerados nas rodas de conversas. Dessa forma, as discursividades foram distribuídas nas seguintes categorias: (1ª) gênero e sexualidade e (2ª) Relação família-escola. Os discursos da categoria gênero e sexualidade evidenciam a dificuldade de distinguir as identidades e como o comportamento é decisivo para marcar as diferenças. Nos discursos dos professores perfilham sentidos acerca das incertezas e a dualidade de discursividades que elaboram visões de uma edição mais tradicional a uma visão mais aberta de práticas discursivas que elaboram sentidos de que as cores utilizadas revelam a orientação sexual dizem sobre a sexualidade da criança.

Nesse sentido, atentamos para a fala do professor Citrino¹: [...] *hoje em dia é muito difícil você definir quem é homossexual ou quem não é, porque se você for considerar a cor do cabelo que, se tá pintado ou não, as luzes, o brinco, a calça justa, o sapato colorido, é difícil e já vem a carga de preconceito, a cor rosa que é usada [...]*

As representações de gênero que consistem na compreensão das diferenças corporais e sexuais que culturalmente se criam na sociedade, ideias e valores sobre o que é ser homem ou mulher, estão diretamente relacionadas às forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres, estabelecendo padrões fixos daquilo que é “próprio” para o feminino bem como para o masculino, de forma a reproduzir regras como se fosse um comportamento natural do ser humano, originando condutas e modos únicos de se viver sua natureza sexual.

A este respeito Louro (1997, p. 64-65) preleciona que:

Teremos de ser capazes de um olhar mais aberto, de uma problematização mais ampla (e também mais complexa), uma problematização que terá de lidar necessariamente, com as múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia. Se essas dimensões estão presentes em todos os arranjos escolares, se estamos nós próprias(os) envolvidas(os) nesses arranjos, não há como negar que essa é uma tarefa difícil. Trata-se de pôr em questão relações de poder que compartilhamos, relações nas quais estamos enredadas(os) e que portanto, também nos dizem respeito.

¹ Para preservar a identidade dos professores, atribuímos nomes fictícios.



Professor Opala assinala uma posição discursiva do dilema vivido por aluno, que vagueia entre um polo e outro, na incerteza da identidade sexual ou *pele receio de enfrentar a realidade: Mas veja, uma pessoa que tem numa faixa etária de 13 a 17 anos, um dia chega de homem, no outro chega de mulher na escola, todo pintado, todo de vermelho, parecendo uma “pomba-gira”... Fica difícil...tem que ter preparação para encarar.*

Em outro momento, Opala discorre [...] *tinha um “Romeo”, [alusão a Romeo, apresentado na reportagem da revista Nova Escola, que serviu de introdução à discussão da roda de conversa] porque ele fazia questão de ir com uma “gladiadora”, é? Aquela sandália de mulher? E colocava uma roupinha, você sabe né? Então eu cheguei até mesmo a conversar com ele: Veja só, você está preparado para enfrentar a sociedade? Porque, assim, você vê, até a própria escola, a própria escola tem aquele preconceito com... A própria escola tem preconceito com esse tipo de ... a própria escola quer expulsá-lo, é. Na verdade, se você quer assistir aula, você pode ficar à vontade no seu canto, que ninguém vai mexer com você. Agora, se você quer aparecer... vai ficar difícil. Você está preparado pra isso?*

Na primeira fala do professor Opala, apreendemos sentidos relacionados à questão de gênero, pontuada no aspecto um dia vem de homem, outro de mulher, as posições discursivas evidenciadas pelas fala do professor indicam sentidos de que ele tem receio de que o comportamento adotado pelo aluno traga problemas, pois o professor percebe que o aluno não tem a maturidade necessária para lidar com as situações concernentes ao preconceito, ao sexismo, desta forma, na segunda fala, o professor fecha essas posições questionando *Você está preparado para enfrentar a sociedade?*

O fato de o professor comparar o comportamento do aluno à entidade religiosa do candomblé expressa sentidos de um comportamento apelativo, excêntrico, extravagante, esquisito, de difícil aceitação no meio em que vive. Prática não natural, considerada problemática, que causa insegurança para professor e para o aluno, portanto não aconselhada. Segundo Louro (1997), nós educadores e educadoras nos sentimos pouco à vontade quando somos confrontados com as ideias de incertezas, preferimos contar com referências seguras, direções claras e inequívocas, no nosso agir pedagógico.

Menino, parecer a “Pomba-gira”, vestir a “roupinha”, usa a “gladiadora”, subverte as certezas, assusta, foge a centralidade, esse sujeito é o excêntrico. Mas o que deve ser questionado, nesse contexto? A subjetividades atribuídas? A formação discursiva? A formação ideológica? Louro (1997) responde que muito mais que o sujeito o que deve ser questionado é toda uma noção de



cultura, ciência, arte, ética, estética, educação que associa as identidades a partir de perfil normatizado por um padrão do homem branco ocidental, heterossexual e de classe média. Uma cultura esvaziada dessa visão homogênea de identidade, de sujeitos e de sociedade:

“Novas” identidades culturais obrigam a reconhecer que a cultura, longe de ser homogênea e monolítica, é, de fato, complexa, múltipla, desarmoniosa, descontínua. Muitos afirmam, com evidente desconforto, que essas novas identidades “ex-cêntricas” passaram não só a ganhar importância nestes tempos pós-modernos, como, mais do que isso, passaram a se constituir no novo centro das atenções. Não há como negar que um outro movimento político e teórico se pôs em ação, e nele as noções de centro, de margem e de fronteira passaram a ser questionadas. É preciso, no entanto, evitar o reducionismo teórico e político que apenas transforma as margens em um novo centro. (LOURO, 2010, p. 42-43).

Na quarta categoria, que denominamos relação família/escola, observamos a confluência de vozes discursivas que remetem para importância dessas instituições realizarem suas práticas em consonância práticas discursivas cujos sentidos expressam posições e para que os jovens reflitam sobre sua sexualidade, bem informados e apoiados na sua opção sexual.

Verificamos na fala do professor Citrino vieram três alunos, duas meninas e um menino, falar comigo sobre essa questão: *Professor me ajude, eu descobri que eu gosto de menina. Eu gosto de menino E aí? Eu fiquei...O que dizer? O que falar? Aí vem uma carga horária muito grande, a gente não tem tempo para falar com outro professor, com alunos, isso passou quase um mês, para poder chegar o momento de chamar eles um a um pra conversar.* E o depoimento deles, assim: professor e aí? *Eu descobri o que eu sou, o senhor fala com a minha mãe? Todo mundo sabe, minha mãe não sabe ainda. Meu pai sabe, desconfia, mas não quer aceitar. E aí? Você fala com ela? Essa abertura tem que haver, né? Do professor para com o aluno, da escola para com o aluno e esse espaço de diálogo de ouvir, né? Que pena a gente não tem tempo para ouvir nossos alunos. Não só sobre a sexualidade, mas em todos... Experiência da vida cotidiana que eles querem contar, querem falar com a gente, mas a gente não tem tempo para ouvir.*

Em outro momento, Citrino coloca: *Muitas vezes a gente percebe o seguinte, que o pai desistiu dele, a mãe, a vó, a tia... eles só têm a gente como professor e a gente vai desistir dele também? Antes de ser homossexual, antes de ter qualquer opção assim, é um ser humano é reponsabilidade formar cidadão, independente da sua sexualidade para que ele respeite e seja respeitado.*

As falas evidenciam a importância da família denotada pelos alunos em diálogo realizado com Citrino e por ele reconhecida, bem como evidencia o papel do docente, nesse processo como figura detentora de confiança, de credibilidade, para exercer a função de orientar, apoiar, em lacunas



deixadas pela família. O professor exerce um papel importante como mediador dos afetos, crenças e valores dos alunos. No pedido de ajuda para revelar para seus pais sobre a opção sexual, mesmo essa tarefa fugindo as prerrogativas inerentes ao professor, Citrino vê-se sensibilizado para ajudar, no entanto, precisa encontrar os meios e a maneira apropriada para fazê-lo.

Ao indagar e a gente vai desistir dele também? O enunciado revela a tomada de posição do docente frente a situação, pois as mediações estabelecidas pelos docentes envolvem a (re)constituição das identidades dos alunos, contribui em seus comportamentos sexuais, e em muitos casos ressocializa, reintegra a dignidade e redireciona para vida.

Ao trazer para si a responsabilidade de educar a partir das formulações e conveniências próprias de um ente familiar, embora não se aperceba, evoca para si, a problemática que diz respeito ao outro, mas que o constitui enquanto educador, enquanto pessoa humana, solidária e fraterna, no seu dever de formar para cidadania. Essas possibilidades enunciativas nos permitem compreender que é possível construir novas sociabilidades. E a educação é mola propulsora da reinvenção das realidades sociais.

Devemos lembrar, nesse contexto, das formulações de Foucault sobre a família que, no século XVIII, se tornou um lugar obrigatório de afetos, de sentimentos, de amor. O filósofo fala, ainda, de uma “família reorganizada, com laços mais estreitos, intensificada com relação às antigas funções que exercia no dispositivo de aliança [...] a família é o cristal no dispositivo de sexualidade: parece difundir uma sexualidade que de fato reflete e difrata”, (FOUCAULT, 1988, p. 105). É essa a família, a base sobre qual se incluem as demais instituições e não o contrário, ela é uma das instituições exemplares do exercício do disciplinamento moderno em relação à sexualidade, que implicitamente os discursos dos docentes se referem.

Mas, e a escola? O professor Safira enuncia: *A escola, pelo lado pedagógico, pelos nossos comentários, sabe que existe, né? E sabe que o problema atrapalha, o problema que eu falo é o não reconhecimento, é de não aceitar que o aluno faça isso, atrapalha o desempenho educacional do aluno no seu dia a dia, em sala de aula.*

Em outra enunciação, Safira coloca: O problema do preconceito, não é o reconhecimento da sexualidade, nós professores, a gente sabe que existe. Não existe na escola? E sabemos que a escola aumenta esse problema quando não pratica isso no dia a dia, não trabalha, nem em projetos, nem em disciplina, ou seja, não faz a inclusão. Então se não faz a inclusão, automaticamente está fazendo a exclusão, não é verdade? Então se o problema existe desse preconceito, então a gente sabe disso, chegamos a um denominador comum, que a sexualidade, [...] *precisa ser aplicado ou por projeto,*





bimestralmente, ou com uma disciplina, mas tem que existir, porque do jeito que está, professor de matemática, de língua portuguesa, geografia, ter a função de tratar essa questão em sala de aula não dá tempo.

Ainda a esse respeito, a professora Ágata, discorre: *E mais, porque a própria escola não está, muitas vezes, preparada para receber, para lidar com essa situação.*

Os discursos dos professores partem do pressuposto de que a orientação sexual nas escolas é fundamental para que os jovens possam falar sobre sua sexualidade, se conhecendo e se constituindo como sujeitos reflexivos. Apontam que a escola deve ser promotora de ações que visem o autoconhecimento por parte dos alunos. Ou, como Moita Lopes (2002, p. 91) argumenta, desenvolvendo as ideias de Foucault, “as escolas, por exemplo, determinam em grande parte não somente o que as pessoas fazem como também quem são, serão, e podem ser”. Destarte, as escolas são lugares democráticos, é essencial que haja oportunidades para que seus atores possam ensaiar novas formas de subjetividades.

4 CONCLUSÕES

Com este estudo, buscamos investigar os posicionamentos discursivos de professores(as) do município de Itapororoca-PB, sobre as questões relacionadas à sexualidade. Após serem problematizadas concepções de estudos sobre a diversidade no espaço escolar a pesquisa concluiu que a maior dificuldade dos professores é trabalhar em sala de aula as questões relacionadas à sexualidade e gênero, por diversas razões.

As narrativas dos educadores foram perpassadas por efeitos de sentidos embasados em discursividades que denunciam a falta de qualificação para abordar a temática, receio de uma má interpretação por parte da família, pouca abertura da escola para lidar com a temática e conteúdos regulares extensos. Em síntese, falta tempo, falta condições, falta conhecimento.

Em muitas narrativas, apreendem-se efeitos de sentidos reveladores de que o assunto é silenciado na escola, quando abordado é somente sobre prisma da saúde sexual, em forma de palestra por profissionais da saúde. Os narradores destacaram as dificuldades apresentadas para tratar de temas relacionados com matrizes identitárias, em particular as discursividades sobre o universo gay. No entanto, são conscientes de suas posições de mediadores, e do quanto podem contribuir para efetivar nas escolas ações para que as práticas discursivas da escola sejam

modificadas, dando espaço para a inserção das diferenças socioculturais nos seus currículos e em todas as atividades pedagógicas por ela realizadas.

A escola como lugar de disciplinamento é vista pelas práticas de docilização, como espaço de produção de subjetividades, ela “ foi sendo concebida e montada como a grande- e (mais recentemente) a mais ampla e universal – máquina capaz de fazer dos corpos, o objeto do poder disciplinar; e assim, torná-los mais dóceis” (VEIGA-NETO, 2000, p. 17). Assim sendo, a escola tem o poder de incidir na configuração de estilos de vida, e o efeito do processo disciplinar de subjetivação resulta evidente.

As questões da diversidade são inerentes ao espaço escolar, porque ele é composto dos diferentes traços identitários de quem a frequenta. Assim, numa perspectiva de promoção da diversidade, torna-se relevante conhecer os elementos e condições que integram o ambiente escolar e que podem contribuir, de forma significativa, para o desenvolvimento saudável dos(as) educandos(as), pois é na escola que decorre a maior parte de sua vida cotidiana.

A tarefa mais urgente da contemporaneidade é educar para a diversidade, promovendo uma educação voltada para as diferenças, para a compreensão do outro como necessário, do outro como fundamental, que nos constitui e sem o qual a nossa identidade não se define. Trata-se, portanto, de fazer da escola uma estrutura de socialização, embasada em aspectos afetivos, cujo exercício individual deverá ser garantido sem, contudo, colidir com os direitos e as garantias dos demais, de modo a que possa ser exercida e respeitada a liberdade de cada um. Com o cuidado de não colocar no centro quem está à margem e colocar à margem quem está no centro. Deve haver equilíbrio nessa relação. Uma estrutura de socialização que deve defender a existência de uma plataforma ética e conceitual da diversidade moral e do pluralismo, de forma que se estabeleça, um relacionamento satisfatório para todos.

5. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: JZE, 2000.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: JZE, 2005/Brasil, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade II**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.



_____. **História da sexualidade III: O cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, p. 41-52, 2010.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 159 -171, 1º sem. 2004.

_____. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

_____. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística**

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia.** 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.

VEIGA-NETO, A. Foucault e a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

